

A lei de Jeová e o Evangelho de Jesus

Ao observarmos a Lei no Velho Testamento temos ali os famosos dez mandamentos, relacionados em Ex.20:3 a 17:

- 1º Não terás outros deuses diante de mim (v.3);
- 2º Não farás para ti imagem de escultura (v.4);
- 3º Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão (v.7);
- 4º Lembra-te do dia de Sábado para o santificar (v.8);
- 5º Honra a teu pai e tua mãe (v.12);
- 6º Não matarás (v.13);
- 7º Não adulterarás (v.14);
- 8º Não furtarás (v.15);
- 9º Não dirás falso testemunho (v.16);
- 10º Não cobiçarás (v.17).

Jesus mesmo afirmou em Mt.5:17 que Ele não veio destruir nem ab-rogar a lei, mas para cumpri-la. Acontece que Jesus não somente cumpriu-a mas ampliou-a e deu-lhe uma dimensão mais coerente.

Ele disse ainda que se o padrão de justiça de seus seguidores não excedesse à dos fariseus, não haveria ingresso no Reino dos céus (Mt.5:20).

Fica, portanto, claro que os mandamentos que Jesus trouxe são mais abrangentes e superam os mandamentos mencionados no Velho Testamento.

A 1ª e a 2ª milha

Na linguagem simbólica de Mt.5:41, a 1ª milha representa os mandamentos do Velho Concerto enquanto que a 2ª milha representa os mandamentos ampliados do Novo Concerto, ensinados por Jesus.

Comparemos alguns exemplos dentro dos próprios dez mandamentos já mencionados:

- O 6º mandamento dizia para não matar. Jesus citou este mandamento e ampliou-o dizendo que o encolerizar-se já é pecado (Mt.5:21 e 22). No Velho Testamento a condição era na base do "olho-por-olho, dente-por-dente" (Ex.21:24; Dt.19:21; Mt.5:38), mas Jesus ensinou a reconciliação com os adversários e o não-revide às afrontas, o que é muito mais difícil (Mt.5:24, 25 e 39) e exige renúncia e humildade.
- O 7º mandamento falava sobre o adultério. Jesus citou este mandamento e ampliou-o, dizendo que o atentar para uma mulher para a cobiçar já caracteriza o adultério intencional (Mt.5:28).
- O 10º mandamento proibia a cobiça aos bens do próximo. A doutrina, porém, que Jesus ensinou a seus discípulos não se limitava a deixar de cobiçar, mas a passar a dar, como fez Zaqueu após sua conversão (Lc.19:1 a 10), o que é muito mais abrangente. Essa disposição passou a caracterizar os seguidores da doutrina de Jesus (At.20:35).

De uma forma geral, portanto, podemos afirmar que Jesus ampliou toda a Lei, dando-lhe um sentido completo, não se limitando a arbitrar somente sobre o que fazemos, mas também sobre o que deixamos de fazer (Mt.25:45 e Tg.4:17).

Não é à-toa que embora um homem rico admitisse conseguir cumprir toda a lei do Velho Testamento desde a sua mocidade, não conseguiu contudo cumprir um único mandamento que Jesus que dera dentro do conceito da 2ª milha (Mc.10:17 a 22).

Os mandamentos de Jesus

Ao ser argüido por um escriba sobre a questão de qual seria o maior e o mais importante de todos os mandamentos da Lei, Jesus resumiu-os em dois, sendo o primeiro amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e com todas as forças. O segundo, igualmente importante é amar o próximo como a si mesmo (Mc.12:28 a 34). O primeiro está mencionado em Dt.6:4 e 5 e o segundo em Lv.19:18.

O escriba confirmou o que Jesus afirmara e ainda complementou dizendo que amar a Deus de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e de todas as forças é mais importante do que todos os holocaustos e sacrifícios que a Lei prescrevia. Jesus se agradou da complementação sábia daquele homem e disse-lhe que ele não estava longe do reino de Deus. É interessante observar que mesmo recebendo esse "elogio" da parte de Jesus, aquele escriba ainda não estava no Reino de Deus, mas sim "próximo". Ora, se este que respondeu sabiamente e que hoje receberia os aplausos de todos os teólogos da cristandade, não estava ainda efetivamente no Reino de Deus, segundo o parecer de Jesus, o que dirá dos outros tantos judeus que ainda permaneciam obstinadamente nos rígidos preceitos cerimoniais e sacrificiais da Lei?

Com efeito, Paulo afirma que pela Lei ninguém se justificaria, antes estaria debaixo de maldição (Gl.3:10 e 11). Cristo nos livrou, contudo, das maldições que estão contidas na Lei (Gl.3:13).

A prova que a perfeição não estava naquela Lei arcaica e omissa é que em Mt.19:16 a 21, ao dialogar com um jovem que cumpria todos aqueles mandamentos desde a mais tenra idade, Jesus lhe disse que se quisesse ser perfeito deveria seguir uma nova regra, a qual o jovem resistiu em obedecer.

Isto porque a dificuldade em seguir os poucos mandamentos de Jesus é maior do que toda a complexidade ritualística da Lei de Jeová no Velho Testamento. Aos olhos dele próprio e de seus compatriotas, a conduta daquele jovem era perfeita, mas não foi o que Jesus concluiu, tanto é que ele retirou-se triste e desapontado quando Jesus o convidou a seguir o caminho da perfeição verdadeira (v.22).

A prática desses novos mandamentos dentro da dimensão da 2ª milha (Mt.5:41) distinguiria os discípulos de Jesus dos seguidores de outros mestres (Jo.13:35).

E quanto ao Sábado?

A doutrina da guarda do Sábado (heb. "Descanso" ou "Repouso") é um dos principais requisitos da Lei do Velho Testamento e que os judaizantes e os adventistas do 7º dia defendem tão veementemente. Jesus foi acusado pelos fariseus por violar o Sábado, simplesmente porque não escolhia dias especiais para poder realizar seus milagres e curas (Lc.13:14 a 17). No seu entender, não havia motivo para restringir a prática do bem para qualquer ocasião, a pretexto de religiosidade aparente (Lc.6:6 a 11).

Por causa dessa liberdade para fazer o bem a qualquer tempo, Jesus foi perseguido pelos judeus (Jo.5:16 a 18), não somente por transgredir as tradições dos religiosos mas também por afirmar ser o Senhor do Sábado (Mt.12:8).

Da mesma forma, os seus discípulos foram também acusados de violarem o Sábado por colherem espigas para comê-las, quando tiveram fome ao passar por uma seara num dia de sábado (Mt.12:1).

Em Gl.4:3 e 4, o sábado temporal é considerado como "rudimento do mundo" ao qual aqueles que ainda são crianças em termos de maturidade espiritual, ainda estão sujeitos em caráter de servidão. No mesmo texto, o autor afirma que, sobrevindo a "plenitude dos tempos" pela manifestação de Jesus, não há mais motivo para alguém estar debaixo daquele jugo.

A volta aos "rudimentos fracos e pobres" mencionada no versos 9 e 10 significa querer guardar os sábados na plenitude dos tempos, mesmo depois de todas as evidências e revelações trazidas após o Pentecostes.

-Será que aquele que ampliou e completou todos os demais mandamentos, não ampliaria também este, que é chamado quarto mandamento?

O autor de Hebreus fala em Hb.4:8 e 9 de um novo "repouso", um "descanso" que Israel não conheceu e que o cristianismo de um modo geral tem dificuldade para compreender, porque não se trata de um dia qualquer de 24 horas, mas esse dia é HOJE. Por isso ele menciona tantas vezes esse HOJE no capítulo 3, versos 7, 13 e 15, bem como no capítulo 4, versos 4 e 7, numa comparação entre o 7º dia da Lei e o HOJE do Novo Concerto. A discussão pela observância seja do sábado ou do domingo, portanto, é simplesmente ridícula e não retrata absolutamente nada do que Jesus ensinou.

Ao dizer HOJE, o autor certamente explica que aquele dia simbólico de 24 horas foi ampliado. Com efeito, pois o amanhã será HOJE amanhã. Depois de amanhã será HOJE depois de amanhã e assim por diante. Isso implica que o HOJE genérico abrange todos os dias. Por isso no verso 7 está generalizado "um certo dia - HOJE".

Portanto, se no Velho Testamento a obrigação era guardar o Sábado, no Novo Testamento a obrigação é guardar todos os dias, mesmo porque a vigilância não pode ser restrita a um dia apenas por semana, mas sim a todos os dias, como Jesus ensinou (Mt.24:44 e 25:13).

O jugo suave de Jesus

O interessante é observar que, mesmo com toda a ampliação, Jesus afirmou que seu jugo é suave, seu fardo é leve (Mt.11:30) e os seus mandamentos são para vida eterna (Jo.12:49 e 50). Diante disso, alguém poderia perguntar, como um dos discípulos - "Quem pode então salvar-se?" (Mc.10:26), diante de mandamentos mais difíceis e abrangentes em relação aos da antiga lei mosaica.

Acontece que o Espírito Santo nos capacita pela sua atuação santificadora e regeneradora (I Co.6:11), possibilitando que consigamos fazer aquilo que é contrário a nossas inclinações naturais (Jo.16:13; II Co.3:5 e Jd.24).

Quem não tem o Espírito Santo, luta em vão, através das suas próprias forças, conseguir aquilo que nem os discípulos, após 3 anos de aprendizado com Jesus conseguiram; haja visto que, alguns dias antes de receberem o Espírito Santo no Pentecostes, não passavam de um bando de medrosos, escondidos nas casas com medo dos judeus e frustrados por acharem que desperdiçaram tempo seguindo um herege que imaginavam ser o Messias de Israel (Jo.20:19).

Serventia da Lei

A expressão "aio" ou "pedagogo" que o apóstolo Paulo usou para definir a serventia daquela lei que vigoraria até o advento de Cristo (Gl.3:24) significa "aquele que ministra as primeiras letras, ou os rudimentos primários". Isto quer dizer que a maturidade e a perfeição vieram pela lei de Cristo e não pela que os judeus receberam dos anjos pela instrumentalidade de Moisés (vide o estudo "culto aos anjos" disponível neste Site).

A lei de Jeovah no Velho Testamento visou basicamente a moral dos indivíduos, porem admitiu a justiça com vinganças e castigos. A lei de Jesus no Novo Testamento visa moldar o caráter das pessoas dentro de uma perspectiva de perdão e regeneração plena

Portanto, naquilo que a Lei do Velho Testamento ficou obsoleta pela sua superficialidade, os mandamentos de Jesus trouxeram com clareza a síntese de tudo aquilo que a Lei expôs de forma nebulosa e confusa.

Rudeza da Lei

Falando a respeito daquela lei, Paulo comparou-a com um "aio" em Gl.3:24, para justificá-la na fase de preparação para o ministério de Cristo. Aio ou pedagogo significa a pessoa que ensinava as primeiras letras às crianças de famílias nobres, num processo típico de alfabetização.

No verso seguinte, porem, ele diz que depois que a fé veio, não faz sentido continuarmos a estar debaixo da tutela do "aio".

Sendo assim, quem está dando crédito àquela lei ainda está no "Pré-Primário" em termos espirituais, como aqueles a quem Paulo se dirigiu em Gl.4:3 e 8 a 10.

É inegável que aquelas leis trouxeram alguns aspectos positivos, especialmente para a nação de Israel, como os conceitos sanitários que se encontram em Dt.23:12 e 13, que podem ser considerados modernos para a época em que foram escritos. Também princípios alimentares e de honestidade podem ser destacados em Pv.23:20 e 10:4.

O zelo na dedicação de dízimos e ofertas foi até recomendado e confirmado por Jesus, porem essa prática deveria vir acompanhada de outras igualmente importantes, que os fariseus estavam omitindo (Mt.23:23). Jesus veio colocar ordem numa casa desordenada, onde a hipocrisia e religiosidade aparente reinavam.

Apesar desses e alguns outros pontos positivos, aquela lei não deixa de ser aió. Ora, quem já foi alfabetizado não precisa ficar mais recorrendo a cartilha e quem já evoluiu na matemática não precisa ficar preso a tabuada. Quem andava de muletas, não precisa mais delas depois que foi curado.

Assim também, quem segue os mandamentos de Jesus, onde se encontram misericórdia, perdão, compreensão e capacitação, não está sujeito àqueles mandamentos repletos de jugo, severidade, dureza e inflexibilidade do Velho Concerto, mesmo porque em termos práticos, enquanto os mandamentos de Jesus produzem efeito sobre a vida e o caráter de seus seguidores, aqueles outros mandamentos só produziam soberba e presunção (Lc.18:11 e 12).

O exemplo da violência na Lei de Jeovah

O ex-fariseu Simão Pedro andava armado, porque a lei de Jeová permitia a violência numa justa causa, e com uma espada cortou a orelha de um daqueles que vieram prender o Mestre, mas Jesus implantou a orelha de volta e assegurou a Pedro que Ele não precisaria daquele recurso para cumprir sua missão (Lc.22:50 e 51).

Se Jesus quisesse poderia recorrer às doze legiões de anjos a seu dispor, como Ele mesmo declarou em Mt.26:53, mas a disposição de Jesus era para o bem e não para o mal. Por isso Ele disse aos discípulos impregnados pela violência da lei de Jeová, que eles não sabiam qual era o espírito que estava sobre eles, quando os tais pediram-lhe autorização para mandar descer fogo do céu, a fim de consumir os que lhes recusaram pousada (Lc.9:54 e 55), como fez Elias com 100 homens enviados pelo rei (I Re.1:9 a 12).

Em Jo.18:36 e 37, Jesus esclareceu a Pilatos que o seu reino não é deste mundo e que sua missão não era política, mas espiritual.

Quando o sumo-sacerdote Caifás o interrogou no Sinédrio (Mt.26:63) e inquiriu com insistência se Jesus era realmente o Cristo, Filho de Deus, irritou-se profundamente com a confirmação de Jesus e rasgou as suas próprias vestes, como sinal de indignação.

O interessante, porém, é que esse mesmo Caifás em Jo.18:14 profetizou o caráter expiatório da missão de Cristo e certamente fê-lo inconscientemente, simplesmente porque era sumo-sacerdote naquele ano (Jo.11:49).

O estágio avançado – O mandamento novo

Em Jesus não ocorreu simplesmente o cumprimento da Lei, mas Ele trouxe ainda revelações inéditas que confundiram os judeus ortodoxos.

Até então o padrão de perfeição da lei e dos profetas consistia em fazer aos homens aquilo exatamente que gostaríamos que eles também nos fizessem (Mt.7:12). Esse princípio nada mais é que o tão famoso “toma-lá, dá-cá”.

Jesus deu em Jo.13:34, segundo suas próprias palavras, um mandamento novo. O mandamento é novo justamente porque nunca ninguém ousou colocar um padrão de amor aos outros na mesma medida com que Jesus nos amou (Jo.15:12 a 17).

Como que uma Lei que pregava revide na base da violência (Mt.5:38; Ex.21:24) poderia contemporizar com a doutrina de amar o inimigo, bendizer os maldizentes, fazer bem aos que odeiam e orar pelos que maltratam e perseguem (Mt.5:44)? É muita discrepância!

Uma lei tão cheia de parcialidades e favorecimentos somente para alguns, jamais poderia ter a concepção e anuência total do Pai. Antes foi manipulada por anjos invejosos que se interpuseram como mediadores, num período de grandes trevas espirituais e que infelizmente repercute até hoje (vide mais detalhes sobre este assunto nos estudos “culto aos anjos” e “desmascarando Jeová” neste Site).

No entanto, Jesus nos trouxe a liberdade que entre outras coisas nos liberta também do jugo da servidão da lei (Lc.4:19; Jo.8:36).

Paulo compara em Rm.7:1 a 6 a emancipação daquela lei com a emancipação de uma mulher que acabou de perder o seu marido e está agora não mais sujeita a vinculação e sujeição ao falecido.

Portanto, a debilidade do ministério da lei de Jeová transmitida por Moisés ficou evidenciada diante da fantástica eficácia do Evangelho de Jesus, no que diz respeito às possibilidades de beneficiar os homens

A lei de Jeová se mostrou incoerente e superficial, tratando apenas da condição exterior do homem, sem se preocupar com o verdadeiro problema interior, que conduz à perdição.

Ficou assim provado que Jesus nos apresenta mandamentos e ensinamentos coerentes, que estão em perfeita harmonia com a vontade do Pai. Ele nos ensinou que não adianta querer servir a Deus apenas na aparência e com base na religiosidade exterior.

Oswaldo Carvalho